

Segunda mão e segunda vida: Objetos, lembranças e fotografias¹

Octave DEBARY*

Os objetos têm mais sorte do que nós. Retirados de um sótão, de um porão, até mesmo de um descarte, podem ser expostos em um grande dia no qual se beneficiam do sol, do vento, da chuva. Quem dentre nós poderá dizer ter tido uma segunda existência senão o Cristo e mesmo para ele, essa segunda vida foi bastante breve (SANSOT, 2006 p. 39).

Objetos de todos os gêneros, dispostos nos sótãos, reivindicam um amanhã: louças, livros, cobertores, vasos, catálogos de moda, quadros, armários, cinzeiros, fuzis de caça, discos em vinil..... todos se apresentam como em fim de vida, sem utilidade. Esses objetos domésticos não são apenas objetos de segunda-mão: a maior parte acompanhou a existência daqueles de quem se separam.

A diversidade desses conjuntos de coisas se conjuga com seus entrelaçamentos. Corpos desarticulados se acumulam uns sobre os outros, freqüentemente lançados ao chão como para significar sua proximidade com um final. Eles esperam um comprador que não os vejam como dejetos, mas como oportunidades de um bom negócio. No interior desse desfile, alguns serão escolhidos para serem reparados ou mesmo recuperados. Obterão a esperança de um novo futuro, sendo retirados da condição de objetos de decoração ou de lembranças.

Hoje em dia o entusiasmo pelas coisas antigas se mistura ao gosto pelos objetos banais, de estética duvidosa, com funções que não aquelas para as quais foram concebidos, o que os torna por vezes revestidos de inutilidade. Os sinais de alterações em um velho objeto (pátina, deformação, desgaste...) causados em razão de sua história, garantem a ele sua singularidade. O desejo de distinção se cultiva em uma sociedade da reprodução na qual tudo se fabrica em série, de forma idêntica. Todas as grandes cidades possuem sua “feira das pulgas”, mercados de segunda-mão, de segunda chance. Os de Paris, por exemplo, recebem mais de 11 milhões de visitantes por ano (SCIARDET, 2003), e algo em torno de um milhão de pessoas se encontram cada primeiro fim-de-semana do mês em Lille. Durante três dias a cidade se transforma no maior mercado de vendas de

¹ As fotografias apresentadas nesse artigo foram reunidas em um conjunto intitulado *Amores bizarros. Fotografias de vide-greniers*, feitas pelo fotógrafo Philippe GABEL e extraídas da exposição « V'là aut' chose ». *Imagine uma história para o objeto que você acaba de adquirir* (França, 2009).

* Universidade Paris Descartes, Lahic, Cnrs-Ehess

segunda-mão da Europa no qual centenas de milhares de objetos são trocados, passam de mão em mão.

A atração pelo usado se transformou igualmente em uma das bases da arte contemporânea sendo que uma parte de sua história se confunde com a arte da reciclagem (VERGINE, 2007). Além do questionamento do *ready made* (existe alguma coisa ou não existe nada?) ou da performance de tornar presente o invisível (*quadrado preto sobre fundo branco* de Malevitch), a arte de acomodar os restos desdenha da arrogância monumental ao colecionar os dejetos. A arte contemporânea questiona nossa relação com o mundo ao se opor a uma vida submetida à presença de uma materialidade definida pela evidência da plenitude. A arte prefere o encobrimento (Christo), o encaixotamento (Manzoni), a compressão (César), a recomposição (Pons) ou o desaparecimento (Gerz). Os “restos” expostos pela sua vitalidade e sob todas as suas formas (VERLINDEN, 2000). Eles resistem a tudo o que a sociedade os condena como a rejeição e desaparecimento. Transformados, passam de um status de matéria abandonada, sem valor, ao de um novo objeto muitas vezes cotado a altos preços.



A história museal e patrimonial repousa sobre essa mesma lógica de revalorização dos restos da história. As dinâmicas patrimoniais que emergem em decorrência de situações de ruptura histórica se fazem acompanhar, com frequência, de uma política de conservação daquilo que desaparece. Dominique Poulot mostrou como, ao lado de diferentes modos de renegar o passado como a destruição e a reciclagem, o museu aparece no contexto da Revolução Francesa como um instrumento de conservação daquilo que não se pode destruir.

Para poupar do sacrifício, certos traços do Antigo Regime são deslocados, reacomodados, “se pode assistir também a uma transformação parcial ou total de um monumento, a seu deslocamento *in situ*, sua transferência para outros lugares (dentre os quais o museu), à sua execração ritualizada e enfim, a sua destruição pura e simplesmente”, nesse sentido “o gesto conservador e o gesto destruidor podem se reforçar mutuamente” (POULOT, 1997, p. 136 e p. 139).

Desde o momento em que os objetos atravessam o limiar de um museu e entram em seu catálogo, são condenados a levar uma vida eterna ligada ao estatuto de inalienabilidade das coleções. Essa doce sentença é posta em execução pelos conservadores que monitoram a menor variação higrométrica, temendo tanto o muito seco quanto muito úmido, tanto o fogo quanto a água. Os museus desafiam a finitude prometendo a seus ocupantes uma “segunda vida como patrimônio” (KIRSHENBLATT-GIMBLETT, 1998, p. 131).

Mesmo nossos atos cotidianos de consumo são acometidos por essa recusa à destruição. Vidros, embalagens, caixas, papéis, todo material exige ser limpo, conservado com vias à reciclagem. A luta contra o desperdício se torna a segunda moral de uma economia comutada em ecologia uma vez que seus bens se transformam em restos. A culpa de uma consciência não-cidadã acomete aquele que concede um incorreto tratamento a seus resíduos domésticos. Nada se perde. No coração de Paris sobre a Ponte Marie, uma vez a cada dois meses se organiza o « Grande Dom ». Pessoas se encontram para oferecer aos transeuntes seus objetos: “livros, um telefone, uma planta, prendedores de calças para ciclismo..., aqui se desmonetariza as coisas”.²

Ao prazer de ofertar se mistura a possibilidade de contar a história de um objeto ao qual se recusa o simples descarte, mesmo que não se queira mais guardá-lo. Trata-se de transmiti-lo e, por outro lado, trocar algumas palavras, alguns olhares.

² Fala de um doador. Reportagem *France Inter*, dezembro de 2006.

O traço comum a esse conjunto de situações é o de promover um novo futuro aos objetos de segunda-mão, objetos marcados pelo uso anterior, original. Assim é colocada a questão da requalificação de seus valores de uso inicial: qual continuidade e, através dela, qual sentido conferir a essa primeira mão que os tocou e da qual se separam? Essas práticas de reapropriação em “segunda-mão” interrogam o poder dos objetos, melhor dizendo, a força que adquirem quando se encontram próximos ao fim. Se concedemos às sociedades dos “outros” a tendência a se fechar na ilusão do fetichismo, essa pequena reflexão antropológica busca mostrar que nossa sociedade mantém uma relação central com o valor biográfico de seus objetos. Seguindo nessa perspectiva trata-se de ultrapassar uma concepção que nos obrigava a escolher entre o poder dos humanos e aquele dos objetos, a escolher entre o anti-fetichismo (a explicação pelo social) ou o fetichismo (a explicação pelos objetos). Aporia de um dualismo segundo o qual “ou bem a causa está no objeto ou bem ela está nos humanos que a projetam sobre o objeto” (HENNION; LATOUR, 1993, p. 9; LATOUR, 1996). Ao contrário, a noção de “trajetória biográfica dos objetos” (KOPYTOFF, 1986) visa expressar a ligação entre humanos e não-humanos aos quais confiamos nossa existência e pedimos que vivam conosco. Seguir a trajetória dos objetos implica em se distanciar da noção de antropomorfismo a fim de compreender como os objetos são atores, tal como os demais, da vida social.³

Esse investimento social, essa delegação moral, confere uma carga histórica aos objetos, em particular aqueles do cotidiano, esses que acompanham nossas existências. Essa operação está na base de um processo que concede aos objetos uma história, uma vida. No momento de seu desaparecimento, no limiar dessa passagem, essa história parece resistir a sua finitude e significar sua espera de um *retorno*.⁴

³ Por essa razão Bruno Latour prefere falar de “atuantes” (1995, p. 202). Em outro estilo e para um elogio ao “materialismo fetichista” ver a revista *Documents* (1929-1930).

⁴ Em sua « filosofia do rejeitado (por uma ontologia do mínimo e do banido) », François Dagognet explica que “o resíduo não deve ser destruído, ele é um recurso a espera de um retorno” (1997, p.89). Essa dimensão fantasmagórica, esse retorno da história sob a forma de objetos está no centro da exposição do Museu de Etnografia de Genebra, consagrada ao Vodou haitiano (2007). Retomando a trama do poema de Baudelaire, *O frasco* (1857), a exposição busca compreender o valor espectral dos objetos, valor contido no vazio de um frasco de perfume e comparável ao poder de ressurreição dos objetos do vodou.

Figura 2

Esses objetos que retornam....

Freqüente com regularidade esses mercados nos quais os objetos parecem animados. Os “esvaziar sótãos” são teatros de objetos que me agradam, em particular aqueles de minha região de origem, a Picardia (DEBARY; TELLIER, 2004).

Domingo, no centro das pequenas cidades, as pessoas se encontram. Desde o meio da manhã os participantes reproduzem a postura dos objetos misturados e apertados uns contra os outros. Objetos e pessoas se movimentam em busca de um encontro, de uma oferta a não perder. O princípio do “esvaziar sótãos” consiste em sair para a via pública e propor a venda de objetos usados cujos proprietários não desejam mais conservar em suas casas. As pessoas são convidadas a se tornarem vendedores ou pelo menos, a fingir que o são. É nisso que reside o atrativo e o prazer. É um mercado de objetos de segunda-mão com vendedores ocasionais. Os objetos propostos são supostamente seus (viveram a seu lado) e chegaram ao mercado em final de vida (após sua passagem pelo sótão). A passagem de objetos de mão em mão está no centro dessa prática de troca pela qual se adquire objetos qualificados como de “segunda mão”.

Objetos esquecidos, curiosos, quebrados, estragados, rachados.....esse mercado propõe uma forma de troca fundada sob uma economia doméstica. Ao contrário dos vendedores profissionais, ali não está em questão o enriquecimento e sim passar adiante o objeto⁵. Além disso é regra de não se fixar o preço do objeto. A população é deixada livre para atribuir preços, abrindo um espaço de negociação que se estabelece através da conversa. O preço deve ser acordado como parte da transmissão do objeto, no interior dessa negociação que define o valor de troca. Entrega-se o objeto a baixo preço entre pessoas que compartilham um mesmo conhecimento sobre o mesmo, conhecimento falado ou na maior parte dos casos expresso pela forma de manipular o mesmo.

Mas se por intermédio de seu objeto o vendedor não se faz reconhecer em sua história, ele pode então exigir um ganho financeiro. O dinheiro é aqui a contrapartida (o preço a pagar) de um não compartilhamento da história. De uma maneira geral a tendência aos baixos preços objetiva a introduzir outro valor de troca que não o monetário.

Parece que essa tendência se conjuga com o desejo de doar o que poderia ser vendido. Os objetos por vezes são entregues como « presentes » ou vendidos por quantias ditas como « preço de amigo » ou « preço rebaixado ». Nesses casos a troca de palavras tende a substituir a troca monetária. Como bem explica Gretchen Herrmann (2006, p. 132): « os vendedores avaliam freqüentemente o preço das coisas em relação ao que estimam ser as necessidades dos compradores e do que consideram como um justo preço (por oposição ao que valem as coisas nas lojas) ». À diferença de uma troca comercial clássica de produtos novos, aqui “os vendedores transmitem alguma coisa deles próprios através dos objetos que vendem, às vezes histórias pessoais ou sentimentos provocados por esses objetos” (MAXWELL; MAXWELL, 1993, p. 57 e 59).⁶

Os “esvaziar sótãos” oferecem uma teatralidade em ação (se *representa* explicitamente no que se refere aos vendedores e compradores) no interior da qual a regra de troca repousa sobre uma simetria entre o estado das mercadorias vendidas e a maneira de oferecê-los. Trata-se de uma consumação *alternativa* de objetos eles próprios

⁵ Os « esvaziar sótãos » que se encontra na França e na Europa são comparáveis às práticas anglo-saxãs ou norte-americanas definidas pelos termos *car-boot sales*, *flea markets*, *swaop meet* ou de *garage sales*. Essas formas se distinguem dos mercados caracterizados pela presença de vendedores profissionais como os antiquários.

⁶ Essa simetria ganha por vezes os compradores como no caso do Grande mercado de Lille. Esse acontecimento festivo que dura três dias e duas noites sem descontinuidade, provoca uma fadiga extrema em seus participantes. Para que a festa seja completa esse estado de alteração é com freqüência acentuado pelo grande consumo de cerveja.

alterados, os *junk* vendidos pelos *junk dealer* como os termos ingleses os designam. Eles são por vezes marcados pela decadência mas também pelo desejo de serem readquiridos. É essa alteridade, essa transformação que é significada pelos termos dos objetos ou mercados de “segunda mão”. Os objetos trocam de mão, tanto no sentido de uma segunda aquisição quanto no que se refere a uma redefinição de seu valor inicial. É levando em consideração aquilo que não são mais (em primeira mão) e ao que podem vir a ser (segunda mão) que eles conservam um valor. Segunda mão significa a proximidade de um fim do valor de uso e a recusa em se desfazer. A vontade de guardar para troca no interior de um dispositivo no qual o valor econômico é incerto (isso funcionará sempre?) coloca em questão o fundamento possível de outro valor de referência. Mary e James Maxwell avançam na idéia segundo a qual os mercados de segunda mão são lugares onde a autoridade da história substitui o valor comercial pois “os objetos de segunda mão permitem estabelecer uma relação material com o passado como fonte possível de troca de sentidos”(1993, p. 61). Porque são objetos materiais (*tangíveis*) mas também alterados (*junk*), permitem uma passagem de testemunho cuja indefinição (estando alterados e vindos de outros) abre à redefinição possível do passado. Funcionam assim como “pontes” de uma memória coletiva ou individual.⁷

Figura 3

⁷ Esse tipo de mercado cuja sociedade comercial não é necessária sob o ponto de vista de sua rentabilidade econômica é com freqüência cultivado como um parêntese social que permite capitalizar as formas de socialidades alternativas. A tentação de se fazer disso um lugar de economia subterrânea ou um espaço de capitalização de sociedades puras (excluindo o aspecto financeiro) é ilusória.

Figura 4



2006 - Paris - rue de la Villette

...Il était là, posé par terre sur le sol à moitié humide, toute vieillie qu'il était .Je dis qu'il "était"car une fois accroché sur un mur blanc et froid, il va retrouver toute sa jeunesse au milieu d'autres objets...

Sacha Popovitch



2006 - Paris - rue Botzaris

Casier en fer de ma grand mère
Bien oxydé comme mon Pépé

Corinne Rosaenz



2007 - Corbigny .

La retraite du petit baigneur.

"Que je suis heureux d'avoir été choisi par ce monsieur, c'est un collectionneur, je vais retrouver plein de petits amis, au calme, protégé, choyé, admiré .
C'est vrai je suis petit et mon visage est celui d'un bébé mais j'ai cinquante ans, et j'en ai vu des enfants durant ma vie, des gueules avec qui je dormais le soir, des moins gentils oh la la!

Je n'ai pas bonne mine, mes yeux et mes articulations ont bien souffert, c'est peut être ce qui l'a séduit ...

Enfin! tout ça est maintenant oublié, mon rêve réalisé !!...

Je l'ai ma retraite, Mr Nicolas, avant 60 ans !!...

Claude Gautheron

Depositário.....

Nesses mercados, ao longo dos anos encontro sempre o mesmo objeto.

Em inúmeros estandes encontro uma garrafa vazia. Ela se apresenta em diferentes formas (pequena, alta, fina, larga...), em diferentes cores (marrom, verde, amarela, azul...), com diferentes nomes impressos (Jack Daniels, Pastis 51, Rum branco de Trois Rivières...), sozinha ou em série e sua presença enigmática me interpela: por que as pessoas conservaram garrafas vazias? E depois as colocam em caixas dispondo-as em seus carros e as conduzem por vezes por dezenas de quilômetros para ali desencaixotá-las e expô-las, propondo sua venda. Como compreender que se possa conceder tanto valor a algo que desapareceu? E outra questão me vem rapidamente: quem pode querer comprar garrafas vazias? Essas garrafas não seriam coisas mortas, freqüentemente denominadas de cadáveres? Por que as pessoas levam e expõem coisas mortas? Por que alguém as carrega depois consigo? Por vezes interpelo os vendedores: pego uma garrafa de whisky de 10 anos. Eu a levanto para avaliar seu estado. A garrafa está mesmo ali? Meu gesto de autópsia é ignorado.

Na falta de uma forma discreta de verificar sua plenitude eu sacudo a garrafa para verificar sua vida. Ela é ausente, finda, trôpega. O vendedor ri e diz: “Você não acredita mesmo que há uma garrafa e que além disso ela esta cheia, não é?”. Para o vendedor o cômico da situação repousa sobre a ignorância das regras do jogo: aqui não estamos em um supermercado. Compra-se o resto do que não é mais, do que foi: uma garrafa de whisky, vazia. Mais uma vez a cena remete à ilusão: um vendedor sentado em sua cadeira espera atrás de sua banca, sobre a qual estão dispostas mais de trinta garrafas de álcool, justapostas, ordenadas, as etiquetas voltadas aos transeuntes. Reconstituição de um bar no qual não se pode beber nada pois todas as garrafas estão vazias. Eu o interrogo: “você pensa poder vendê-las?” “claro” me responde ele com ar de contentamento “pois existem colecionadores”. Um resto não é um nada pois se todas essas garrafas estão sendo propostas à venda é porque elas possuem ainda alguma coisa. Mas o que contém esses objetos vazios? Eles contém o que é vendido com eles: o pouco e a ausência conferem um sentido a presença desses objetos enquanto depositários de história.

Esse tipo de mercado nos remete a um comércio de embalagens que depois de vazias são levadas a reembolso. O objeto guarda consigo uma história que é retomada

com ele. Seu valor de venda está indexado justamente por esse valor residual uma vez que esse objeto reflete o poder de dizer sobre a história e humanidade com a qual foi investido e que permanece, irredutível, como resto. É aí que reside a possibilidade do testemunho como prova de existência. Pela imposição do vazio o objeto se presta à troca. Garrafas cujo vazio retém algo de festa, de melancolia? Existem muitos colecionadores de restos tal como o pintor Henri Cueco que dedica uma paixão às pedras anônimas, pequenas pedrinhas, cascalhos, pedras calcárias, fragmentos de ardósia, grãos de areia, pequenos grafites, pedaços de cordas, maçãs, caroços de cereja, de pêssego.....esse colecionador de coleções é um guardião: “a idade vindo, eu olho com compaixão meus sapatos usados, desgastados, tubarões desdentados, mexilhões deformados.....por que jogá-los fora? Por que se desfazer de meus pés, por que queimar minhas raízes, minha memória?” (CUECO, 1995, p. 11)⁸

Os colecionadores de vazios ou do pouco conservam o tempo que passa, o tempo que retorna através daquilo que permanece vinculado ao objeto.

Objeto e etnologia

A etnologia compreendeu e absorveu esse valor arquivístico do resto e do objeto de segunda mão. Desde seu surgimento em se definindo pelo temor de seus desaparecimentos, a disciplina se propôs a salvar com urgência as culturas em vias de desaparecimento. O saber etnológico, comparável a uma forma de arqueologia cultural, se lançou a viagens num espaço, sinônimos de incursão em um tempo. Fazendo de sua pesquisa um testemunho vivo do passado, o etnólogo dedicou uma fascinação à coleta da cultura material. A exigência de um complemento museológico se tornou o lugar privilegiado da salvaguarda materializada do saber etnológico. Esse último se expunha demonstrando o tratamento reservado às sociedades de origem dos objetos. Assim, por intermédio dos museus, “a etnologia se representava ao dispor em cena e com sentidos esses objetos de predileção” (JAMIN, 1989, p. 110).

⁸ Cueco se pôs a pintar suas coleções, pequenos quadros inspirados pela presença dos restos. Entre suas outras coleções há, em particular, aquela dos quadros “invendíveis” (1995, p.99).



Se grande parte das coletas etnográficas se desenvolveram em contextos coloniais, o que as tornou comparáveis a roubos (com ou sem a permissão da “captura científica”) ou a aquisição de butim (JAMIN, 1996, p. 16), elas foram organizadas com uma dupla lógica. O reconhecimento do valor dos objetos foi marcado pela tensão entre o “belo objeto” e o “bom objeto” etnográfico, entre seu valor estético e seu valor histórico. Essa tensão fundadora é reveladora do sentido e da contradição que conhecem atualmente os museus de etnografia. Se os objetos possuem um valor de história para o etnólogo, é no sentido do que eles portam consigo, é na condição de ter suficientemente vivido uma história a ponto de justo quando perde seu valor de uso, constituir-se como um testemunho convincente. O objeto etnográfico deve ter suficientemente vivido para poder

contar uma história⁹. A origem do falso debate entre uma apresentação contextualizada pela história ou etnologia ou uma apresentação artística, repousa sobre o esquecimento que o valor da história de um objeto permite menos testemunhar seu passado original (quer dizer, autêntico) que se poder de *transmitir uma nova história*. O objeto é testemunho como um transmissor de história, para retomar a idéia de Philippe Descola. Por ocasião de sua mudança, todo objeto muda de status e ganha uma nova história:

todo artefato, desde que é retirado do quadro espacial e temporal de seu uso original, torna-se necessariamente outra coisa que não mais aquela de antes. No momento em que a situação para a qual foi fabricado deixa de existir, ele entra em um novo uso e novo contexto, perdendo por essa razão grande parte de sua identidade anterior, o que pode levá-lo a assumir uma nova identidade [...] (DESCOLA, 2007, p. 147).

Conforme observou Jean Bazin, o etnógrafo desenvolveu seu gosto pelo arquivo através de uma atração pelo usado:

Ao adquirir algo, o etnógrafo certifica-se que aquilo que está adquirindo é verdadeiramente de segunda mão, com garantias de ter sido usado [...]. Assim se explica o interesse do colecionador-etnógrafo pelas lixeiras e pelos velhos sótãos. Se alguém se desfez desses objetos é porque eram usados a ponto de se tornarem fora de uso (BAZIN, 2002, p. 281-282).

Esse valor de uso repousa sobre o reconhecimento da autoridade da história. A idéia de Marcel Mauss de acordo com o qual aprende-se tanto sobre uma sociedade a partir de uma lata de conservas do que com sua jóia mais valiosa, deve ser levada a sério¹⁰. Essas considerações permitem confirmar uma das características da etnologia significando que o interesse no conhecimento não deve responder a uma hierarquia dos objetos, demarcando o que seria digno ou não de ser estudado.

Uma etnografia « do pouco » se lança a compreender como, pela descrição de detalhes não essenciais socialmente falando, o real pode ser apreendido e compreendido. Como descrever o vivido ordinário, comum?¹¹ Sendo o “pouco” portador da memória das coisas, uma etnografia do “não essencial” confere ao objeto sem importância, desprezado, um valor de arquivo não intencional. Nele não estão preconceitos nem de valor histórico, nem definição seletiva da história. Ele traz consigo a história sem jamais ter pensado em ser um testemunho. Do tempo de seu uso nenhuma intenção, nenhuma

⁹ Desse ponto de vista o método de documentação das missões etnográficas.

¹⁰ Uma lata de conservas, por exemplo, caracteriza melhor nossas sociedades do que a jóia mais suntuosa ou o selo mais raro. Não se deve, portanto vacilar em recolher as coisas mesmo as mais desprezíveis (...). “Remexendo no lixo se pode reconstituir a vida de uma sociedade”. “instruções sumárias para os coletores de objetos etnográficos”, livro editado por Marcel GRIAULE em 1931. De acordo com Jean JAMIN essas palavras teriam sido retiradas das aulas de Marcel MAUSS. Citado por J. BAZIN, 2002, p.282-283.

¹¹ Como, pergunta-se Howard Becker (2002, p. 69), “dar conta do que se passa quando não acontece nada”?

reserva havia sido posta para o dia em que ele deveria testemunhar. É assim que dispõe de toda sua profundidade histórica e é isso que confere ao usado o seu valor. Os objetos usados do cotidiano trazem suas alterações como marcas que assinalam a riqueza de suas existências. A força da vida se percebe em suas falhas e mesmo na imperfeição de seus reparos. Essa capacidade de se alterar, de tornar-se outro, significa a força e vigor da vida no momento mesmo em que ele esta prestes a deixá-la.

*

* *

O objeto usado diz alguma coisa ao mesmo tempo em que evoca o que foi, o passado. A história- inatingível enquanto passado original- é alcançada sempre como memória revisitada no presente e sob esse ponto de vista o passado é sempre “autenticamente refeito” (CLIFFORD, 2007, p.113), ressuscitado pelo presente. É no limite da materialidade do objeto que surge positivamente sua imaterialidade e que pode ser definida por uma palavra: a história compreendida como “resto noturno” (DIDI-HUBERMAN, 1992, p. 145). Um resto noturno cuja revelação à consciência confere valor a noção de trabalho da memória. O valor e o poder do objeto acionam uma memória involuntária, escondida, presente no vazio de uma garrafa, espreitando no vidro de um frasco de Baudelaire. A segunda-mão designa tanto um objeto do passado quanto um momento presente. O valor espectral do objeto me reporta ao que sou ou ao que não sou mais. O que não sou mais senão através de um objeto, que se transformou em resto e que se contrapõe ao desaparecimento a ao esquecimento, tornando assim presente o que é ausente. Como denominar esse poder de ressurreição? Uma lembrança. Lembrança que se vai buscar, remexer e fazer sair da memória de um sótão como naquele de um museu etnográfico. Uma lembrança retomada pelos outros e que existe por si.



Bibliografia

BAUDELAIRE, Charles (1ère éd. 1857), « Le Flacon », **Les Fleurs du mal**, Paris, Livre de Poche : 65-66,1973.

BAZIN, Jean, « N'importe quoi » In : M.-O. GONSETH, J. HAINARD, R. KAEHR (éd.), **Le musée cannibale**, Neuchâtel, MEN, pp. 273-287, 2002.

BECKER, Howard. S. **Paroles et musique**. Paris, L'Harmattan,2002.

CLIFFORD, James, « Expositions, patrimoine et réappropriations mémorielles en Alaska », In : Octave DEBARY et Laurier TURGEON, **Objets & Mémoires**, Paris, MSH-PUL, pp. 91-125, 2007.

CUECO, Henri. **Le collectionneur de collections**. Paris, Seuil, 1995.

DAGOGNET, François. **Des détritrus, des déchets, de l'abject. Une philosophie écologique**. Paris : Les empêcheurs de penser en rond, 1997.

DEBARY, Octave ; TELLIER, Arnaud, «Objets de peu, les marchés à réderies dans la Somme», **L'Homme. Revue française d'anthropologie**, 170, pp. 117-138, 2004.

DESCOLA, Philippe, « Passages de témoins», **Le débat**, (« Le moment du Quai Branly »), 147, pp. 136-153, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Ce qui nous regarde, ce que nous voyons**. Paris : Minuit, 1992.

DOCUMENTS (Doctrines, Archéologie, Beaux-arts, Ethnographie), primeira edição 1929-1930, prefácio de Denis HOLLIER na reimpressão, Paris : Jean-Michel Place, 1991.

HAINARD, Jacques ; MATHEZ, Philippe (eds), **Le vodou, un art de vivre. Catalogue d'exposition**. Photographies de Johnathan WATTS, Gollion : Infolio éditions, Genève, Musée d'ethnographie de Genève, 2007.

HENNION, Antoine; LATOUR, Bruno. « Objet d'art, objet de science. Note sur les limites de l'anti-fétichisme ». **Sociologie de l'art**. 6, pp. 7-24, 1993.

HERRMANN, Gretchen M., « Special Money: Ithaca Hours and Garages Sales », **Ethnology**. XLV, 2, pp. 125-141, 2006.

Instructions sommaires pour les collecteurs d'objets ethnographiques, Paris, Musée d'Ethnographie du Trocadéro et Mission Dakar-Djibouti, 1931.

JAMIN, Jean, « Le musée d'ethnographie en 1930 : l'ethnologie comme science et comme politique », *In* Georges-Henri RIVIERE, **La muséologie selon G.-H. Rivière**, Paris, Dunod, pp. 110-121, 1989.

JAMIN, Jean, «Introduction à *Miroir de l'Afrique* », *In* Michel LEIRIS. **Miroir de l'Afrique**. Paris, Gallimard, pp. 9-59, 1996.

KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. **Destination Culture**. University of California Press, Berkeley-Los Angeles, 1998.

KOPYTOFF, Igor, « The cultural biography of things: commoditization as process », *In* A. APPADURAI (éd.). **The Social Life of Things**. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 64-91, 1986.

L'ESTOILE, Benoît de. **Le goût des autres**. Paris : Flammarion, 2007.

LATOUR, Bruno. **La science en action**. Paris : Gallimard, 1995.

LATOUR, Bruno. **Petite réflexion sur le culte moderne des dieux faitiches**. Paris : Synthélabo, 1996.

LENCLUD, Gérard. « Etre un artefact », *In* Octave DEBARY et Laurier TURGEON. **Objets & Mémoires**. Paris, MSH-PUL, Paris, pp. 59-90, 2007.

MAXWELL, Mary P.; MAXWELL, James D. « Garage Sales: Meaning and Messages of Material Culture ». **Culture**. XIII (2), pp. 53-65, 1993.

POULOT, Dominique. **Musée, nation, patrimoine**. Paris : Gallimard, 1997.

PRADELLE, Michèle de La. **Les vendredis de Carpentras. Faire son marché en Provence**. Paris : Fayard, 1996.

SANSOT, Pierre. **Ce qu'il reste**. Paris : Payot & Rivages, 2006.

SCIARDET, Hervé. **Les marchands de l'aube**. Paris : Economica, 2003.

VERGINE, Léa. **Quand les déchets deviennent de l'art : Trash Rubbish Mango**. Lausanne : Skira, 2007.

VERLINDEN, Frédérique (éd.). **La santé des restes**. Paris : Réunion des musées nationaux, 2000.